

O ladrão de livros

Para a Joana

Roubar para comer não é crime. Mas eu não roubo para comer, roubo para ler. Será que isso é crime? É que me tenho fartado de gamar livros. Montes deles. Já os roubei em todos os lugares. A única regra que impus é a de roubar só em sítios onde os livros não estejam à venda: casas de amigos e familiares, escritórios de advogados, gabinetes médicos, bibliotecas públicas. Em todos os lugares há sempre um bom livro para roubar – sobretudo livros que as pessoas não lêem. Basta estar atento.

Só ainda não tinha roubado numa igreja. Até hoje, dia em que fui à igreja com a minha noiva falar com o padre, para marcar o casamento.

Na igreja, dei por mim numa sala repleta de livros, a dois passos da sacristia. Fiquei logo mais confiante. Enquanto esperávamos, aproveitei para espiar a decoração. Prenderam a minha atenção os livros, de todas as cores e tamanhos: um, volumoso e antigo, com o título “Missale Romanum”, “Celebração Litúrgica” em 6 volumes, “Um Homem Novo”, “Até à Eternidade”, “Lumen”, “Meu Pé de Laranja Lima”.

Foi este último que guardei no bolso interior do casaco, porque gostei do título. Toquei ao de leve no casaco e senti a textura lisa e macia da capa do livro, sem qualquer relevo no título. As palavras dão-me confiança.

Há palavras que nos perseguem, umas suaves e ternas, outras rudes e sombrias. Há palavras para todos os gostos, de múltiplos sentidos. Mas sei que quando o dia chegar e o padre me perguntar, a palavra que vou escolher vai ser “sim”.